



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

MANFRED TENDL

**POR QUE, AINDA HOJE, ACREDITAR EM ANJOS?
UMA REFLEXÃO SOBRE SUA EXISTÊNCIA E SUA MISSÃO NA HISTÓRIA DA
SALVAÇÃO.**

ANÁPOLIS – GO
2015

MANFRED TENDL

**POR QUE, AINDA HOJE, ACREDITAR EM ANJOS?
UMA REFLEXÃO SOBRE SUA EXISTÊNCIA E SUA MISSÃO NA HISTÓRIA DA
SALVAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão em forma de monografia para a obtenção do diploma de graduação no curso de bacharelado de Teologia na disciplina TCC da Faculdade Católica de Anápolis.

Orientador: Prof Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.

ANÁPOLIS - GO
2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

MANFRED TENDL

POR QUE, AINDA HOJE, ACREDITAR EM ANJOS?
UMA REFLEXÃO SOBRE SUA EXISTÊNCIA E SUA MISSÃO NA HISTÓRIA DA
SALVAÇÃO.

Trabalho de Conclusão para obtenção de diploma de graduação no Curso de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, apresentado em 08 de junho de 2015 e aprovado com a nota 10

BANCA EXAMINADORA

1. Frei Flávio Pereira Nolêto, OFM
2. Pe Fábio Aparecido Barbosa
3. Maria Inácia Lopes

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e da vocação.
Ao meu Santo Anjo da Guarda por ser meu paciente companheiro.
À Ordem da Santa Cruz e a todos os irmãos por todo apoio.
À Faculdade Católica pela oportunidade deste estudo.
Ao meu orientador pela sua disponibilidade e dedicação.

RESUMO

O presente trabalho foi realizado com o objetivo de mostrar a atualidade do tema da existência dos anjos. Com uma pesquisa bibliográfica, o primeiro capítulo apresenta o desenvolvimento da angelologia na Sagrada Escritura. A segunda parte contempla, primeiramente, a fé da Igreja professada nos diversos ensinamentos do seu magistério e, a seguir, mostra dificuldades que alguns teólogos levantaram a respeito da existência dos anjos. A parte conclusiva apresenta a importância dos anjos no contexto da sua missão na história da salvação.

Palavras chave: anjos, angelologia, história da salvação, fé.

ABSTRACT

The present reflection has been elaborated in order to show the importance of the subject on the existence of angels for our time. The first chapter shows the development of angelology in Holy Scripture by means of a bibliographic research. The second part contemplates the faith professed by the Church in the teachings of the Magisterium. Following this, there are indicated difficulties brought up by some theologians concerning the existence of angels. The conclusion demonstrates the importance of angels in the context of their mission in the history of salvation.

Keywords: angels, angelology, history of salvation, faith.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

apud – citado por

AT – Antigo Testamento

Cat. – Catecismo da Igreja Católica

col. – coluna

DH – Denzinger-Hünemann (2007)

DV – *Dei Verbum* (Concílio Vaticano II)

Ibidem – na mesma obra

LXX – Septuaginta

n. – número

NT – Novo Testamento

p. – página

pp. – páginas

s.n. – *sine nomine* = sem nome (da editora)

v. – versículo

vv. – versículos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ACREDITAR EM ANJOS	08
1 OS ANJOS NA SAGRADA ESCRITURA	10
1.1 OS ANJOS NO ANTIGO TESTAMENTO	10
1.2 OS ANJOS NO NOVO TESTAMENTO	15
1.3 CONCLUSÃO	18
2 ACREDITAR NOS ANJOS E EM SUA MISSÃO	20
2.1 UMA VERDADE DE FÉ	20
2.2 AS DIFICULDADES	22
2.2.1 Bultmann: A 'desmistificação'	24
2.2.2 Gaster: O mundo folclórico	25
2.2.3 Haag: 'Despedida do diabo'	26
2.2.4 Westermann: Os mensageiros de Deus	28
2.3 A IMPORTÂNCIA DE ACREDITAR EM ANJOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO: ACREDITAR EM ANJOS

Em sua Liturgia e, de modo especial, em cada Santa Missa celebrada, a Igreja se associa aos anjos no céu (cf. Cat., n. 335). Assim, eles são especialmente lembrados no final do prefácio (cf. *ibidem*, n. 1352). No entanto, nem todos os fieis estão cientes de que os anjos existem realmente, pois há, ainda, uma confusão a esse respeito. Nas livrarias se encontra uma abundante literatura esotérica a respeito dos anjos e das maneiras de se pode receber ajuda e proteção deles. Por outro lado, muitos ignoram sua existência ou apenas dizem que acreditam porque a Igreja ensina. Surge, então, a pergunta: Por que acreditar na existência dos anjos, já que eles não têm mãos, pés ou rosto para nós os vemos? Será que é importante ter fé numa realidade que parece tão inacessível? Tais perguntas suscitaram em mim o desejo de entender melhor esta questão. Mais ainda, porque trabalhando com jovens, notei que muitos deles têm interesse em saber mais sobre os anjos; de modo especial, o que a Igreja ensina sobre estes espíritos invisíveis e profundamente atuantes na história da salvação.

Primeiramente, devemos constatar: a angelologia é um tratado muito breve da teologia. O Catecismo dedica apenas 15 números (nn. 325 – 336 e 350 – 352) para apresentar a fé da Igreja nos anjos, no entanto, cada manual de teologia contém este tratado. Logo, é um tratado da teologia que até os dias atuais faz parte de cada dogmática católica. Mesmo sendo um tratado pequeno, os limites do nosso trabalho se impõem. Ficamos apenas com o levantamento de alguns dados escriturísticos mais significativos, seja do AT, seja do NT. Não foram vistos os testemunhos da Tradição, dos padres da Igreja, dos livros litúrgicos nem todo o desenvolvimento do magistério da Igreja, como foi minha intenção no projeto inicial. Além disso, não foram consideradas as grandes contribuições e reflexões de grandes teólogos ao longo da história da Igreja, sejam eles da Idade Média, como, por exemplo, Tomás de Aquino, sejam do tempo contemporâneo, como Matthias Scheeben e outros.

O primeiro capítulo apresenta uma singela análise dos termos e textos da Sagrada Escritura que falam dos anjos, com o aprofundamento da enigmática expressão, tão comum nos textos sagrados, 'anjo do Senhor'. Uma expressão que já foi muito estudada pelos exegetas e que até hoje, segundo os eles, há diversas opiniões a respeito. Uma resposta que, particularmente analisando, une as diversas

exigências da questão é a de Wagner, de quem citei apenas sua conclusão sem entrar em toda sua análise.

No segundo capítulo, são apresentadas primeiramente as definições dogmáticas a respeito da fé nos anjos como seres espirituais. Destaca-se o IV Concílio de Latrão, que é referido em todos os manuais e em todos os pronunciamentos dos papas. Numa outra parte do segundo capítulo, estão apresentadas dificuldades que existem ao falar dos anjos. Foram escolhidos alguns teólogos que se ocuparam com o tema e que deram explicações da realidade dos anjos que não estão de acordo com os ensinamentos da Igreja.

O método usado neste trabalho é uma pesquisa bibliográfica, com seleção de alguns autores especialistas nesta reflexão. Foram de grande luz os estudos realizados por Dom João Ev. Terra, que ao longo da sua fecunda vida de pesquisador, exegeta, teólogo e escritor, ocupou-se diversas vezes com a angelologia, como demonstra, destacadamente, um dos seus doutorados, "A angelologia de Karl Rahner" (1996). Outras publicações foram de grande valia e um referencial para esta exposição, tais quais, três edições da Revista de Cultura Bíblica: uma de 1981 intitulada 'Anjos e demônios na Bíblia', na qual Terra recolhe vários artigos que foram escritos como reação à discussão teológica sobre a existência do diabo nos anos 70. Anos mais tarde Dom TERRA editou mais duas publicações sobre os anjos: "Existem anjos?" (1995a) e "Anjos na Bíblia" (1995b). Nestas publicações, Terra traduz e comenta os artigos e estudos mais relevantes sobre a angelologia nos manuais de teologia.

As páginas seguintes têm a intenção suscitar interesse quanto ao tema da angelologia, sem querer, no entanto, já responder todas as perguntas relevantes. Querem dar atenção a um tema da teologia que é colateral e pouco considerado. Mas que tem grande importância, pois os anjos são mensageiros de Deus e da sua ação salvífica entre os homens. Eles são o penhor da presença de Deus entre nós.

1 OS ANJOS NA SAGRADA ESCRITURA

O mundo angélico escapa à percepção humana, isto é, o homem por própria iniciativa não pode penetrar no mundo puramente espiritual. O anjo, porém pode penetrar no nosso mundo e manifestar-se. A Sagrada Escritura testemunha a existência dos anjos, e em página alguma há dúvida sobre esta realidade. E ainda: a doutrina sobre os anjos é um elemento imprescindível da história da salvação. Ela (a doutrina dos anjos) se desenvolve ao longo da história do povo hebreu, acompanhando, assim, o desenvolvimento de toda a Sagrada Escritura (cf. GRELOT *apud* TERRA, 1995b, p. 48), já que os anjos têm um papel muito importante no desígnio salvífico, tanto na vida de pessoas individualmente, como no desenvolver da história do povo de Israel.

1.1 OS ANJOS NO ANTIGO TESTAMENTO

A palavra mais comum na Sagrada Escritura para designar espíritos, é 'anjo', que, nas línguas modernas, vem do latim '*angelus*' que significa 'mensageiro'. A palavra latina deriva da palavra grega, usada pelos tradutores da LXX, '*ἄγγελος*', que tem o mesmo significado de 'mensageiro'. Na língua hebraica, por sua vez, a palavra usual para falar de 'anjo' é *mal'ak* (מלאך), que designa uma função e significa 'mensageiro' ou 'núncio'. No AT, a palavra hebraica '*mal'ak*' nunca se desenvolveu numa palavra técnica para indicar um espírito. Ela é usada tanto para mensageiros humanos, quanto mensageiros celestes. Entre os, aproximadamente, 200 casos em que aparece esta expressão no AT, metade se refere aos mensageiros humanos (Mt 2,7; 2Sm 14,17.20 e outras) e metade a mensageiros celestes. Por isso, para melhor qualificar, o autor sagrado usa uma expressão ulterior. Logo, se encontram as expressões, 'anjo de Javé' ou 'anjo do Senhor', como no caso de Abraão (Gn 22,11 e outras), pois, do contrário, poderia se tratar de um mensageiro humano.

Theodor Herzl GASTER, um orientalista judeu, fez um estudo sobre os anjos na Bíblia e no folclore do oriente próximo. Ele destaca, como principais funções de tais mensageiros, as seguintes: a) comunicar ordens de Deus aos homens, b) proclamar eventos especiais, c) proteger os fieis, individual ou coletivamente, e castigar de maneira justa aos seus inimigos, d) servir de instrumento da cólera contra pecadores e desobedientes dentro do próprio Israel (*apud* TERRA, 1995b, p. 6).

De modo geral, podemos dizer que a doutrina sobre os anjos no AT se desenvolve em quatro épocas: a) dos inícios até Moisés; b) de Moisés até os profetas pré-exílicos (por exemplo: Amós, Oséias, Micha); c) no tempo dos grandes profetas (Isaías, Jeremias, Ezequiel), onde quase não aparecem os anjos, e d) depois do exílio babilônico. Neste último tempo há um grande interesse nos anjos, como se pode ver no livro Daniel.

Diante disso, em algumas passagens bíblicas, podemos ver como os anjos aparecem como mensageiros e mediadores entre Deus e os homens. Constatamos o fato de que não é o próprio Deus que aparece, mas é um anjo, um mensageiro. Na vida de Agar, escrava de Sarai, aparece um anjo no exato momento em que ela está fugindo de sua senhora. O anjo lhe pergunta: “Agar, escrava de Sarai, de onde vens e para onde vais?” (Gn 16,8). O mensageiro se aproxima quando a pessoa está em dificuldade; está, em amplo sentido, sem direção. Ele transmite uma palavra exigente a Agar: “Volta para tua Senhora e põe-te sob as suas ordens” (v 9). No entanto, ele acrescenta a promessa do nascimento de um filho: “[...], darás à luz um filho e o chamarás Ismael, porque na tua aflição o Senhor te escudou” (v 11). Interessante é o efeito desta intervenção do anjo na vida de Agar. Ela invoca “[...] o nome do Senhor que lhe havia falado [...] e diz: 'Aqui cheguei a ver Aquele que olha para mim'” (v 13). Ela não presta culto ao anjo, mas a Deus. O mensageiro não chama a atenção para si, mas age e fala em nome de Deus. Para o homem, no caso aqui Agar, é claro que é de Deus que lhe vem a bênção, como está claro no versículo 13.

Outra passagem da intervenção de um anjo é o famoso capítulo 22 do livro de Gênesis. Deus prova Abraão e lhe pede o sacrifício de seu filho (Gn 2,2). Abraão, por conseguinte, obedece e vai oferecê-lo. No último momento, o anjo do Senhor intervém e impede o patriarca de sacrificar seu filho Isaac (vv 11ss), e assim, Abraão oferece um carneiro a Deus e nomeia aquele lugar: “O Senhor providenciará” (v 14). Na passagem anterior notamos que Abraão presta culto a Deus e que o anjo é apenas Seu mensageiro. Há também outros exemplos de pessoas que têm uma experiência com um anjo: Na vida de Jacó encontramos o anjo que o conforta diante dos enganos de Labão (Gn 31,11-13). Mais tarde, o mesmo Jacó se lembra do anjo que o “livrou de todo mal” (Gn 48,16). Também é um anjo que em Ex 3,2ss revela a Moisés o significado da sarça ardente. No livro dos Juízes (13,3-5), um anjo anuncia à mulher de Manué o nascimento de Sansão. Em todas estas passagens o anjo te-

muma função de comunicar a palavra de Deus. Esta, portanto, se destaca como a missão principal dos anjos na História da Salvação.

No AT se há também outros termos para falar de anjos. Alguns exemplos são: “filhos de Deus” (Jó 1,6; 2,1; 38,7; SI 29,1), “santos” (Jó 5,1; SI 88,6.8; Dn 4,14), “assembleia dos santos” (SI 89,6), “fortes” (SI 78,25)¹, “heróis” (SI 103,20), “vigia” ou “vigilantes” (Dn 4,10.14.20), “exército de Javé” (Jos 5,14; SI 148,2), “exército do céu” (1Rs 22,19), “acampamento de Deus” (Gn 32,2)²etc

Uma expressão que já foi objeto de estudo de muitos exegetas é o termo 'anjo do Senhor' (מלאך יהוה *mal'ak Jahweh*). Ele aparece nos textos mais primitivos do AT para revelar a proteção de Javé em favor de seu povo Israel. Exemplos: Gn 16,7.9-11; 22,11.15; Ex 3,2; Jz 2,1.4; 5,23; 13,3.13-21; 2Sm 24,16; 1Rs 19,7; 2Rs 1,3.15 e outros. Ele vence os inimigos de Israel (2Rs 19,35). Ele acorda Elia (1Rs 19,7) e se opõe a Balaão (Nm 22,22). Além do mais, ele realiza outras tarefas como relata o livro dos Juízes (6,11-22) quando aparece a Gedeão. A particularidade nestas passagens é que não se pode distinguir claramente entre *Javé* e o *mal'ak* (cf. KITTEL, 1990, p. 76). Na passagem de Gn 31,11-13, o anjo declara explicitamente: “Eu sou o Deus que te apareceu em Betel, onde ungiste a coluna sagrada e me fizeste o voto.” Há, notavelmente, uma união entre Deus e seu anjo. Em Nm 20,16, por outro lado, Deus envia seu anjo para libertar seu povo, logo, portanto, se deduz uma clara distinção entre Deus e seu mensageiro.

Vejamos o texto com a maior alternância ou equivalência: Ex 3,2-6. No versículo 2 diz: “Apareceu-lhe o anjo do Senhor numa chama de fogo, do meio de uma sarça.” No versículo 4, no entanto, se fala de Deus: “Vendo o Senhor que Moisés se aproximava para observar, Deus o chamou do meio da sarça: 'Moisés! Moisés!' Ele respondeu: 'Aqui estou!'” E mais adiante Deus fala a Moisés da sarça: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó’.” É difícil estabelecer uma distinção clara entre Deus e o “anjo de Javé”. Há uma alternância intencional, muitas vezes abrupta, entre a palavra de Javé e a do anjo (cf. TERRA, 1995b, p. 81).

Até hoje não foi plenamente definida a relação entre Deus e o 'anjo de Javé', mas há várias teorias que querem explicar esta proximidade entre eles. SEEMANN

¹ A Tradução da CNBB diz 'Pão dos anjos'. Na Tradução da Bíblia de Jerusalém, por sua vez, se lê 'pão dos Fortes' e na nota se explica que os Fortes são os anjos (cf. SI 103,20).

² O hebraico usa מַחֲנֵה (*'makh-an-eh'*) que significa 'acampamento'.

(1967, p. 957ss) e MICHL (*apud* TERRA, 1995b, p. 28s) enumeram quatro teorias a este respeito: teoria da representação, teoria da identidade, teoria do logos e teoria da revelação. WAGNER (1984, pp. 63 – 98) analisa as diferentes teorias e identifica duas tendências fundamentais: os que identificam o 'anjo de Javé' com Javé (identidade) e os outros que pretendem tratar-se de um anjo criado (representação). Além disso, existem duas outras tendências que querem explicar a dificuldade, seja através das intervenções dos redatores da Sagrada Escritura (interpretação ou interpolação), seja por um desenvolvimento ou clarificação das ideias através da história de Israel (revelação). Tratar-se-ia de várias edições da história antiga, na qual os autores introduzem uma nova distinção teológica, isto é, que o Deus transcendente se manifesta na terra por meio de uma forma fenomenológica. No entanto, as duas últimas soluções pressupõem ou a teoria de identidade, ou a de representação. Na primeira parte da sua tese doutoral, WAGNER explica a relação profunda entre o 'anjo de Javé' e Deus como identificação a nível fenomenológico. A identificação fenomenológica pode implicar tanto uma identidade metafísica (pessoal), quanto pode implicar uma identidade, união na operação (1984, p. 94). Para mostrar a possibilidade de tal união, ele cita o conceito da união mística dos santos; de modo especial, de São João da Cruz. Pela graça divina, o homem se torna 'Deus por participação'. A união do anjo com Deus, por já gozarda visão beatífica, é ainda muito mais profunda.

No período dos reis, a modificação da ideia de Deus tem uma conseqüente mudança na representação do 'anjo de Javé'. Primeiramente fica evidente que se trata de um mensageiro criado, como, por exemplo, em 1Rs 19,5-13, onde se distingue claramente entre a aparição do anjo (vv. 5 - 8) e a manifestação de Deus (vv. 9 - 13). A distinção é funcional, pois o único fim da visita do anjo é ajudar e preparar Elias para a manifestação de Deus. A visita do anjo não é, em si, uma manifestação de Deus, como no caso de Moisés. Trata-se de uma evidente evolução (cf. TERRA, 1995b, p. 83).

Outra evolução é o aumento do número dos anjos. Além do “anjo de Javé”, intervêm numerosos espíritos a favor de Israel. Com isso eles recebem uma “importância crescente, como criaturas a serviço da salvação” (*ibidem*, p. 84).

A conscientização da soberania do Deus da Aliança, único autor da salvação faz crescer também a consciência da grandeza dos anjos, como instância intermediária entre Deus e os homens, mas como criaturas ao serviço a Aliança (*ibidem*, p. 84).

Depois do exílio, as concepções sobre anjos tornaram-se mais abundantes e ricas devido a maior ênfase na transcendência de Deus e também no contato com o paganismo (cf. MICHL, 1986, 864-865). Com SEEMANN se pode afirmar que a ameaça do politeísmo à fé em Javé, Deus único, tinha impedido que em Israel se desenvolvesse realmente uma angelologia (1967, p. 961). Uma vez que prevalece a concepção da transcendência de Deus o interesse pelos seres intermediários concretos aumenta. Sobre isso, são relevantes dois indícios (cf. *ibidem*, p. 961s): Primeiro, as correções textuais na LXX, onde em alguns lugares se fala de um anjo, enquanto no texto hebraico é Deus quem age (exemplos: Ex 4,24; Jó 20,15). Segundo, uma comparação de duas teofanias, como a de Is6 com Dn 7. Enquanto Isaías salienta a vinculação de Javé com o templo, a terra e, ao mesmo tempo, sua majestade divina e transcendente, na visão de Daniel, pelo contrário, Deus é pura transcendência. “[...] Entre as nuvens do céu vinha alguém semelhante a um filho do homem [...]” (Dn 7,13). O aprofundamento da consciência da transcendência de Deus traz consigo um conseqüente aprofundamento da concepção dos anjos. Eles aparecem cada vez mais como corte de Deus, com sua função principal no serviço litúrgico, que até então foi muito raramente mencionado no AT.

No judaísmo tardio continua sendo afirmada a soberania exclusiva de Deus no governo do cosmo. Os anjos formam o conselho régio de Deus, mas não participam da realeza de Deus (cf. “os filhos de Deus” em Jó 1,6-12; 2,1-6 e o “conselho dos santos” em Sl 89,8). Neste período os anjos continuam sendo considerados como simples servidores de Javé, que é o único Senhor. Eles são enviados aos homens como mensageiros (1Cr 21,18; Tb 3,17; Dn 14,33), eles os protegem (Dn 3,49; 6,23; 2Mc 11,6) e prestam diversos serviços aos homens. O anjo Rafael, ao se revelar, louva a Deus (Tb 12,6), declara que levou as suas orações diante do Senhor (v. 12) e intercede diante de Deus em favor dos homens (v. 15). A função protetora do anjo fica sempre mais especificada, ao ponto de toda nação ter seu próprio anjo (cf. Dn10,13.20s). Nos escritos de Qumran até cada pessoa tem seu anjo (cf. SEEMANN, 1967, p. 962).

Uma característica do período pós-exílico é a função do 'anjo intérprete' ('Dolmetscherengel'; cf. *ibidem*, p. 962). O Senhor não fala mais diretamente ao profeta, mas é um anjo que transmite a mensagem de Deus e a explica. Ele aparece em forma de 'homem'. Exemplos disso são: Ez 40,3s; 43,6s; 47,3-12; o 'anjo do Se-

nhor' em Zac 1,8-14; 2,2-7; 4,1-6 e no livro de Daniel essa função é reservada ao anjo Gabriel (cf. Dn 8,16; 9,21s).

Os anjos intervêm cada vez mais na vida dos homens, por isso alguns anjos até começam a aparecer com nomes próprios. A Sagrada Escritura nos dá três nomes de anjos: Gabriel (Dn 8,16 e 9,21); Miguel (Dn10,13.21; 12,1) e Rafael (Tb 3,25; 5,6.18). Nos escritos extra canônicos são mencionados, além dos já conhecidos, muitos outros nomes de anjos. TERRA faz referência a um artigo de Michl, no qual é citado mais de 269 nomes de anjos (1995b, p. 88).

Concluindo, podemos dizer que o desenvolvimento da doutrina dos anjos no AT vai paralelamente evoluindo com a revelação do Deus transcendente na história da salvação. Em outras palavras: “as etapas da evolução da angelologia seguem as etapas da revelação da imagem de Deus” (*ibidem*, p. 89). É notável uma constância na afirmação da dependência total dos anjos a Deus, como foi vista no “anjo de Javé” nos escritos mais antigos. Nos escritos mais recentes do AT se acentua sempre mais um “Deus longínquo” que tem seu trono acima do mundo, mas que continua enviando seus mensageiros aos homens. De modo que, quem ouve a palavra do anjo percebe a própria voz de Deus; e quem é ajudado pelos anjos, está debaixo da proteção do Altíssimo (cf. Sl 91, 1 e 11).

Os Essênios se ocuparam bastante com os anjos. É provável que a fé do povo foi além do que as fontes transmitidas nos revelam. No entanto, os saduceus não aceitaram tais ideias (At 23,8), porque não os encontraram no Torá. Os fariseus e os rabis que aceitaram os profetas, por sua vez, dão bastante margem a fé nos anjos (At 23,9; cf. MICHL, 1986, 866).

1.2 OS ANJOS NO NOVO TESTAMENTO

A concepção dos anjos no NT se baseia nas ideias do judaísmo tardio.

Os hagiógrafos do Novo Testamento vivem na crença óbvia de anjos, mas com sobriedade, e os consideram num âmbito salvífico e numa participação na santidade de Deus (MARRANZINI, 1981, p. 106).

Os anjos são mensageiros celestes enviados aos homens como podemos ver nas aparições do anjo do Senhor nos sonhos de José (Mt 1,20 e 2,13.19); no anúncio do nascimento de João Batista a Zacarias (Lc 1,11); na anunciação do anjo Gabriel a Maria (Lc 1,26); na aparição do anjo do Senhor aos pastores (Lc 2,9s); e-

les serviram Jesus no deserto (Mc 1,13); um anjo fortaleceu Jesus antes da sua paixão (Lc 22,43); eles anunciaram a ressurreição de Jesus (Mt 28,5; Mc 16,5; Lc 24,4s, Jo 20,12) e apareceram em forma de homens em “vestes, brancas como a neve” (Mt 28,3). Depois da ascensão de Jesus, eles aparecem aos discípulos como “homens vestidos de branco” (At 1,10).

O próprio Jesus fala dos anjos várias vezes. Já no início do seu ministério público, na vocação dos seus discípulos, ele anuncia:

1) “Em verdade, em verdade, vos digo: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (Jo 1,51). Logo, os anjos não estão em competição com Jesus, mas o querem venerar conosco. Este é um ponto que merece destaque. Os santos anjos são zelotes para o monoteísmo de Israel. Eles estão quase sempre presentes nas teofanias (Gn 22, 11.15; Ex 3,2); são sempre criaturas e servos do Senhor. O segundo efeito deste monoteísmo é que só em Israel e depois no Cristianismo é que as leis morais são únicas e inseparavelmente ligadas ao culto de Deus.

2) Jesus fala dos anjos das crianças que contemplam sem cessar a face do Pai (Mt 18,10); ele menciona a alegria dos anjos sobre a conversão de um pecador (Lc 15,10); ele fala do testemunho que o filho do homem dará diante dos anjos de Deus a favor de todo aquele que se declararem por ele diante do povo (Lc 12,8 e cf. 9,26); interrogado pelos saduceus a respeito da esperança na ressurreição, Jesus responde que no mundo futuro os homens serão “iguais aos anjos” (Lc 20,36; cf. Mt 22,30; Mc 12,25). Embora os anjos sejam muito superiores a nós, são muito interessados em nossa salvação e felicidade eterna.

3) No sermão escatológico, Jesus anuncia que o Filho do Homem “enviará seus anjos” (Mt 24,31; cf. 25,31) e “os anjos virão para separar os maus dos justos” (Mt 13,49). Assim, Jesus afirma que os santos anjos são colaboradores na sua missão salvífica.

Mesmo no momento extremo, na sua paixão, Jesus se lembra dos anjos quando repreende seu discípulo: “Pensas que eu não poderia recorrer ao meu Pai, que me mandaria logo mais de doze legiões de anjos” (Mt 26,53). Com isto temos argumentos suficientes para dizer que os anjos estão intimamente ligados a Cristo e que Jesus afirma claramente sua existência, assim como seu papel fundamental na história da salvação.

A fé dos contemporâneos de Jesus e dos discípulos, nos anjos, pode-se ver na passagem de Jo 12,29 quando interpretam a voz do Pai como 'um anjo que falou com ele'. Outra passagem que revela a grande familiaridade da Igreja nascente com os anjos é At 12,15 quando Pedro libertado pelo anjo da prisão estava diante da porta e eles disseram: 'É o seu anjo'.

Nos Atos dos Apóstolos, o anjo do Senhor liberta os discípulos da prisão (5,19) e dá-lhes a ordem de anunciar “ao povo toda a mensagem a respeito desta Vida” (5,20); também ele envia Filipe para evangelizar um eunuco etíope (At 8,26). É um anjo de Deus que aparece a Cornélio e lhe diz: “Tuas preces e tuas esmolas subiram para serem lembradas diante de Deus. Agora, envia alguns homens a Jope e manda chamar um homem chamado Simão, conhecido como Pedro” (At 10,3-5). Assim, vemos como os anjos fazem parte da missão dos apóstolos. São eles que os socorrem em situações difíceis, como no caso de Pedro que é libertado da prisão pelo anjo do Senhor (At 12,7-11). Podemos dizer que os anjos estão em missão com os apóstolos. Homens e anjos estão juntos em missão.

Paulo, apóstolo dos gentios, era fariseu (At 23,6; Fl 3,5) e como tal acredita na existência de anjos (At 23,8s). Concretamente, isso se mostra quando ele confia na palavra de um anjo que lhe aparece no navio numa violenta tempestade dizendo aos outros:

Esta noite apareceu-me um anjo do Senhor ao qual pertenço e quem adoro. O anjo me disse: 'Não tenhas medo, Paulo.' [...] Tenho confiança em Deus de que as coisas acontecerão como me foi dito (At 27,23-25).

Na carta aos Gálatas (3,19), Paulo, assim como Estevão (At 7,38.53), confessa uma mediação da lei por anjos (cf. também Dt 33,2 LXX; Hb 2,2 e SEEMANN, 1967, p. 971). Na carta aos Colossenses, Paulo afirma a existência dos anjos quando escreve que em Cristo “foram criadas todas as coisas, no céu e na terra, os seres visíveis e os invisíveis, tronos, dominações, principados, potestades; tudo foi criado por ele e para ele” (1,16). Está bem claro que para ele os anjos são subordinados a Cristo, são seus servos. Mais claramente ele afirma isso na Carta aos Efésios: “Esta força, Deus a exerceu no Cristo, [...], acima de todo principado, potestade, fortaleza e senhorio [...]. Deus pôs tudo debaixo de seus pés e o constituiu acima de tudo” (1, 20-22, cf. também Rm 8,38; Fl 2,10). Para Paulo, a existência dos anjos, tanto bons, quanto maus é um dado da revelação, verificada também pela própria experiência. Ele não se preocupa em desenvolver uma angelologia (SEEMANN, 1967, p. 969),

embora oferecesse “suficiente matéria doutrinal para desenvolver uma angelologia”, como observa KIENINGER (2009, p. 113). Mais importante para Paulo é a relação dos anjos com o mistério de Cristo, que está no centro. É neste contexto que ele escreve contra um exagerado culto de anjos (Cl 2,18) e por isso ele “é frequentemente considerado como alguém que teve grandes reservas quanto aos Anjos” (*ibidem*). Até hoje não se tem clareza suficiente a respeito deste culto contra qual Paulo escreve (SEEMANN, 1967, p. 969s).

O apocalipse, o último livro do NT, é o que com maior frequência fala dos anjos. Neste seguimento, constatamos que não há um acordo entre os exegetas referente aos “sete espíritos” (Ap 1,4; 3,1; 4,5 e 5,6). Michl e Schlier pensam que se trata de anjos, outros com Schildenberger e Allo pensam que se trata da plenitude do Espírito Santo (cf. TERRA, 1995b, p. 98). Também não há um acordo entre eles a respeito da interpretação dos “anjos das sete Igrejas” (Ap 1,20; 2,1.8.12.18; 3,1.7.14) da Ásia Menor. SEEMANN diz que a maior parte dos comentadores pensa que não se trata dos bispos das comunidades, mas dos anjos que velam por cada uma das igrejas (1967, p. 973s). “O apocalipse retoma, sob vários aspectos, a tradição apocalíptica do judaísmo tardio” (TERRA, 1995b, p. 98). Aparece o 'anjo interprete', que explica a revelação ao vidente; além disso, aparecem os 'anjos da criação': anjos que são postos a frente dos quatro ventos (Ap 7,1) outros do fogo (14,18) e da água (16,5); anjos que protegem a terra e o mar (7,2s). Encontramos também os querubins e serafins do AT em forma dos quatro 'seres vivos' que circundam o trono de Deus (4,6-9; 5,6.8.11.14; 19,4).

1.3 CONCLUSÃO

A revelação do AT é provisória, e só adquire sua plenitude à luz da revelação do NT (DV nn. 15 e 16). O primado de Cristo na criação é afirmado claramente no NT (cf. Ef 1,10). A existência de anjos é um elemento ineliminável do horizonte cristológico da história da salvação revelada no NT. No que diz respeito aos anjos, constatamos que a Sagrada Escritura apresenta uma doutrina muito fragmentária e bastante incompleta. Nem mesmo no NT se pode falar de uma doutrina autônoma. Ela é eminentemente funcional e, com palavras de Rahner, deve ser concebida como momento intrínseco da cristologia (cf. apud TERRA, 1995a, p. 48). A Bíblia, antes de ser um tratado dogmático, é uma história, uma história das relações do ho-

mem com Deus através de Jesus que é, ao mesmo tempo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Na Sagrada Escritura, toda ação salvífica se desenvolve ao redor do homem e não ao redor dos anjos. No entanto, estes últimos têm seu lugar nesta história, na qual eles intervêm por ordem divina e na medida em que ajuda o homem na sua salvação. A missão dos anjos serve para esclarecer o mistério de Cristo, seu senhorio universal e nossa redenção operada por ele.

Termino com uma referência à catequese de João Paulo II do dia 6 de agosto de 1986, na qual ele diz que segundo a Revelação, os anjos, que participam da vida da Trindade na luz da glória, “são também chamados a ter a sua parte na história da salvação dos homens, nos momentos estabelecidos pelo desígnio da Divina Providência” (1986b, p. 8). A igreja crê e ensina, com base na Sagrada Escritura, que “é tarefa dos anjos bons a proteção dos homens e a solicitude pela sua salvação” (*ibidem*).

2. ACREDITAR EM ANJOSE EM SUA MISSÃO

A fé na existência de espíritos e de seres intermediários entre a divindade e os homens encontra-se, mais ou menos, em todas as religiões. Qualquer que seja sua origem, esta fé é um elemento do patrimônio comum da humanidade (cf. TERRA, 1995a, p. 19). Como foi exposta no primeiro capítulo, a existência de anjos não é um problema para a Sagrada Escritura (cf. *ibidem*).

2.1 UMA VERDADE DE FÉ

A existência dos anjos é uma verdade de fé, assim ensina o Catecismo da Igreja católica (n. 328). Entende-se claramente com anjos, seres espirituais, não corporais. O fato de que a Igreja, ao longo da sua tradição milenar, sempre acreditou em anjos é mostrado nos símbolos da fé. Eis os mais significantes:

O Símbolo do I Concílio de Nicéia (1º Ecumênico), do ano 325, começa com a profissão de fé em Deus “criador de todas as coisas visíveis e invisíveis” (DH 125). Evidentemente que se trata dos anjos quando se fala das 'coisas invisíveis'. Num primeiro momento, é assegurada a fé na existência dos anjos. Ao mesmo tempo, as afirmações sobre a divindade do 'Logos' tiveram uma influência positiva sobre a veneração dos anjos (cf. SCHEFFCZYK, 1997, p. 308). Atanásio († 373), nas suas *Orationes contra Arianos* (II, 23) esclarece que os anjos servem a Cristo e o adoram. A eles compete uma veneração e não adoração, pois uma criatura não pode adorar outra criatura. Atanásio faz referência a duas passagens bíblicas: Pedro, que levanta Cornélio que se prostra diante dele em adoração, dizendo: “Levanta-te, eu também sou apenas um homem” (At 10,25s). A segunda é do Apocalipse: João se prostra diante do anjo para adorá-lo, mas este lhe diz: “Não faças isso! Eu sou servo como tu [...] É a Deus que deves adorar”(22,9).

No símbolo do I Concílio de Constantinopla (2º Ecumênico), em 381, é repetida a fórmula (DH 150). O pronunciamento mais importante, no entanto, a respeito da existência dos anjos é o IV Concílio do Latrão (12º ecumênico), que no ano 1215 definiu a fé católica contra os albígenses e cátaros. O Concílio começa com uma profissão de fé bem extensa:

Creemos firmemente e confessamos sinceramente que um só é o verdadeiro Deus [...] único princípio do universo, criador de todas as coisas visíveis e

invisíveis, espirituais e materiais, que com sua força onipotente desde o princípio do tempo criou do nada uma e outra criação: a espiritual e a material, isto é, a angelical e a mundana; e, depois, a humana, de algum modo comum <a ambas>, constituída de alma e de corpo. Pois o diabo e os outros demônios foram criados por Deus naturalmente bons, mas por si mesmos se transformaram em maus. Já o homem pecou por sugestão do diabo (DH 800).

Com este texto, o Concílio não desenvolve uma angelologia completa, mas oferece à reflexão teológica alguns pontos firmes. Tais como: os anjos são criaturas de Deus; eles são espíritos e a respeito do diabo e dos demônios, afirma que são igualmente criaturas de Deus. Estes últimos foram criados bons por Deus, mas por decisão própria se tornaram maus. Com isto, o Concílio deixa entender que os anjos são criaturas livres e que uma parte se afastou de Deus. Destaque para a última afirmação que deixa entrever a influência do diabo sobre o homem. A intenção do Concílio é responder ao dualismo afirmado pelos hereges. Ainda, há críticos que questionam o que o Concílio de fato afirmou, como se pudesse pensar que a existência dos anjos é pressuposto e não algo afirmado explicitamente. Mas isso não interfere no fato de que com sua criação, sua existência é afirmada. Portanto, como “*de fide*” deve ser tida a afirmação da criação dos anjos do nada. Com sua criação, pode-se entender sua existência. A afirmação do Concílio é precedida da expressão: ‘Creemos firmemente e confessamos sinceramente’.

O Concílio Vaticano I (20º Ecumênico), em 1870, importante por causa das suas definições dogmáticas, recordou, na sua constituição dogmática *Dei Filius*, a doutrina do IV Concílio do Latrão sobre os anjos (DH 3002). É importante ressaltar que nos capítulos 2 e 3 do mesmo documento, expõe-se a revelação e o conceito da fé. A igreja ensina que a revelação divina, mesmo nas condições atuais do gênero humano, deva ser conhecida facilmente, com firme certeza e sem mistura de erro. Este é um ponto fundamental para esta reflexão, uma vez que se trata de uma verdade de fé. E a fé, por sua vez, é ‘a porta necessária’ para entrar no mundo angélico.

Na encíclica *Humani generis*, de 12 de agosto de 1950, o papa Pio XII trata de desenvolvimentos e perigos novos em matéria de teologia. Entre outros, ele menciona que: “Alguns também põem em discussão se os anjos são criaturas pessoais e se a matéria difere essencialmente do espírito” (DH 3891). Novamente se reconhece a importância de reafirmar uma verdade de fé que, pelo menos por alguns, é colocado em dúvida. Surge com este documento todo o contexto de uma

tendência de querer racionalizar a fé. Em outras palavras: querer tornar a fé mais 'crível'.

O Concílio Vaticano II (1962-65) menciona em vários textos da Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, os anjos (cf. nn. 49, 50, 56, 66, 69). Na literatura há um pequeno opúsculo de Georg BLASKO com o título 'Die angelologischen Aussagen des Zweiten Vatikanischen Konzils' ('As afirmações angelológicas do Concílio Vaticano segundo'), no qual ele conclui que o Concílio enriqueceu a doutrina sobre os anjos com a visão cristológica e sua participação nas funções litúrgicas da Igreja (1967, p. 16).

Nas suas catequeses sobre Deus, criador do mundo, o Papa João Paulo I, de julho a agosto de 1986, dedicou várias delas aos anjos, nas quais ele afirma sua existência e sua importância na história da salvação. Ele fala de um "precioso conteúdo da Revelação divina" (1986a, p. 16). Mais recentemente, o Sumo Pontífice Bento XVI, em 1º de março de 2009, disse que os anjos são um sinal da presença de Deus e se deixássemos de crer neles eliminaríamos uma parte do Evangelho. Além do mais, recomendou aos fieis a invocar os anjos frequentemente, para que sejam o sustento no empenho do seguimento de Jesus, até nos identificarmos com ele. Novamente fica bem clara a ligação dos anjos com Cristo. O papa simplesmente repete o que é a fé da Igreja de todos os tempos. E o pontífice atual, Francisco, desde o início do seu ministério petrino, falou repetidas vezes do diabo. Na festa dos anjos da guarda, dia 2 de outubro do ano 2014, ele afirmou que cada um deve acreditar no anjo da guarda. Ele, o anjo da guarda, é um fiel companheiro de viagem. O Santo Padre, ainda, convidou a não considerar "a doutrina dos anjos um pouco fantasiosa" (2014, p. 8), pois trata-se de uma 'realidade'.

Com esta breve exposição, fica evidente que a existência dos anjos como seres espirituais faz parte do ensinamento da Igreja ao longo de todos os séculos.

2.2 AS DIFICULDADES

Ao longo dos tempos, foram surgindo dificuldades e objeções na reflexão teológica, contra a existência dos anjos. Na verdade, a fé nos anjos sempre foi contestada por alguns grupos, seja como simplesmente negada como no caso dos saduceus (cf. At 23,8), seja porque erraram na compreensão do ser dos anjos, como é o caso dos gnósticos que os tem como emanção divina (cf. SCHEFFCZYK, 1997, p.

287). Na sua catequese sobre os anjos o Papa João Paulo II comenta que hoje, como nos tempos passados, se discute, com mais ou menos sabedoria, sobre estes seres espirituais. Ele reconhece que há uma grande confusão a respeito desta verdade de fé. Destas ideias confusas vem o perigo de fazer passar como fé da Igreja a respeito dos anjos, algo que não faz parte; ao mesmo tempo, existe outro perigo de omitir algum aspecto importante da verdade revelada (cf. 1986a, p. 16).

Quais dificuldades existem em acreditar nos anjos? Evidentemente, para quem existe somente a matéria, qualquer reflexão sobre seres puramente espirituais está fora de cogitação. Assim, a existência de anjos é negada pelos materialistas de todos os tempos. No tempo de Jesus havia a seita dos saduceus, que rejeitavam a imortalidade da alma, a ressurreição e a crença em anjos e espíritos (cf. At 23,6). Contra eles, Jesus afirma claramente a ressurreição dos mortos (Lc 20, 37) e a existência dos anjos (Lc 20,36). Notemos: não admitir a existência dos anjos, simplesmente rejeitando a ideia de um ser espiritual, é tirar toda base de uma fé em Deus que é espírito puro. Diversos teólogos contemporâneos influenciaram significativamente a reflexão teológica sobre isso.

Nos tempos modernos, o racionalismo teológico afirma a supremacia da razão humana sobre a revelação. O racionalismo liberal ou modernista quer adaptar a teologia, a exegese, a doutrina social e a Igreja às necessidades da época. E o agnosticismo declara ser impossível conhecer Deus e as realidades sobrenaturais. (cf. MACINTYRE, 1983, p. 41). Além do mais, o positivismo tem por verdade somente aquilo que pode ser experimentado e cientificamente demonstrado. Para todos eles, a afirmação de uma realidade espiritual e sobrenatural é apenas produto da imaginação, logo, é algo sem importância. Tais abordagens não consideram que a impossibilidade de uma demonstração científica e experimental, a respeito da existência de seres espirituais, apenas demonstra o fato dessa. Não é lícito, portanto, concluir que anjos não existem, uma vez que os instrumentos não são capazes de captá-los. Existem realidades além da nossa experiência sensorial que provam o próprio espírito humano que está nele. Ele não pode ser medido nem localizado, mas verificamos sua existência e presença pelos efeitos que causa.

O homem moderno, que se encantou com a luz da razão, caiu na tentação de criar uma religião natural baseado nos ditames da razão. O racionalismo religioso é fruto das ideias de Kant (cf. *ibidem*, p. 42). Com isso, a exegese bíblica converteu a Sagrada Escritura num livro apreciável e Nosso Senhor Jesus Cristo em uma pes-

soa especial; um 'herói'. Alguns exemplos: o teólogo protestante Johann Salomão Semler (1725 -1791), que nega a autoridade dos livros sagrados; David Friedrich Strauss(1808 - 1874), que tem os evangelhos como mitos forjados pela fantasia hebreia e Alfred Loisy (1857 -1940), que tem os evangelhos como evoluções da consciência cristã nos primeiros séculos (cf. *ibidem*). A todos é comum a preocupação em querer adaptar a fé da Igreja à mentalidade do homem moderno.

2.2.1 Bultmann: A'desmistificação'

Um exegeta que se preocupou em trazer a mensagem cristã para a existência do homem de hoje é Rudolf Bultmann(1884 – 1976). Falar dele é falar da 'desmistificação' ('Entmythologisierung'). Segundo ele, a tarefa da teologia é traduzir a linguagem tradicional dogmática numa linguagem compreensível para o homem de hoje. Isso vale de modo especial para a linguagem bíblica (RICONDO, 2007, p. 116). A exegese moderna não pode simplesmente limitar-se em reproduzir as afirmações bíblicas, mas deve descobrir qual é a compreensão da existência humana que se encontra na bíblia (*ibidem*).

Interessante é que, para ele, fatos históricos a respeito da vida de Jesus não são de importância nenhuma; ou seja: não importa se Jesus existiu ou não. O que importa é a fé sem fatos históricos (RICONDO, 2007, p. 120). Quando se fala dos anjos no NT, como eles não são verificáveis cientificamente, não fazem parte do pensar científico, pertencem aos mitos. A atual visão do mundo e do homem rejeita *a priori* o mundo dos anjos e dos demônios. Para ele, a fé em anjos e demônios não passa de superstição (*ibidem*, p. 122). Daí sua famosa frase:

Não se pode usar a luz elétrica e o rádio e servir-se de modernos instrumentos médicos e clínicos nos casos de doenças e acreditar ao mesmo tempo no mundo dos espíritos e nos milagres do Novo Testamento (*apud*: MACINTYRE, 1983, p. 43).

Embora tendo boa intenção de querer traduzir em linguagem hodierna o NT, Bultmann elimina com seu método de desmistificar, entre outras, a realidade dos anjos como seres espirituais enviados aos homens para lhes ajudar.

2.2.2 Gaster: O mundo folclórico

Colocando os anjos no mundo dos mitos, podemos pensar em outro grande estudioso que se ocupou em descobrir o que se entende nas Sagradas Escrituras com os anjos: se trata de Theodor Herzl Gaster. Ele é um orientalista judeu que domina bem as línguas semíticas do Oriente Próximo Antigo. Ele publicou vários estudos relacionados a anjos e demônios na Bíblia. Seus estudos mostram, com grande empenho, paralelos entre o mundo bíblico e o folclore do Oriente Próximo. É impressionante o conhecimento e o método de Gaster. Ele conhece bem o mundo bíblico e as mitologias pagãs antigas. Com seu método comparatístico, Gaster quer mostrar com paralelos que a concepção bíblica dos anjos deriva das mais antigas religiões pagãs do Oriente Próximo.

Dom João Ev. Terra fez um estudo detalhado sobre os trabalhos e conclusões de Gaster. TERRA na sua publicação, “Existe o diabo? Respondem os teólogos” (1975, pp. 9- 53), faz uma crítica na qual reconhece seu estudo meritório em vários aspectos, contudo, não concordando com suas conclusões. TERRA, na sua crítica, dá vários exemplos desses paralelos (1995b, pp. 8 – 23).

Citamos alguns desses exemplos: Segundo Gaster, um tema folclórico muito comum é o da hospitalidade recompensada. No conto de Hierieu de Tanagra, este hospedou, sem saber, três deuses. Como recompensa recebeu o dom de um filho. Usando seu método de comparar e estabelecer paralelos, Gaster afirma que Gn 18,1-10 é uma simples versão hebraica do clássico conto de Hierieu de Tanagra. Abraão recebe três anjos em sua tenda, sem saber (que eram anjos), e é recompensado com a promessa de um filho.

Nos textos fúnebres do Egito e na antiga poesia grega fala-se de uma escada entre o céu e a terra. Até nos túmulos do Egito e de Roma se colocavam escadas em miniaturas para facilitar a ascensão da alma ao céu. Tais costumes continuam até hoje em Mangars de Nepal. Comparando Gn 28,12, a visão de Jacó de anjos subindo e descendo numa escada entre o céu e terra, com os textos folclóricos, Gaster tira a mesma conclusão. Para ele, é apenas uma tradução hebraica desse folclore universal (cf. TERRA, 1995b, pp. 10s)

TERRA (*ibidem*, pp. 23 – 25) critica que Gaster negligencia o contexto histórico salvífico do AT e do NT. Além do mais, a lei fundamental da hermenêutica é que o sentido de uma palavra depende de seu uso na linguagem. A mesma palavra, num

texto bíblico e numa saga nórdica, ou ainda num mito sumério, pode ter sentidos totalmente diversos. É o que Terra critica em Gaster, ignorar no seu estudo essa diferença. Outra deficiência do método de Gaster é: querer explicar e iluminar uma palavra bíblica situada num contexto bem conservado, por meio de um 'termo' encontrado num texto fragmentário, do qual se ignoram todos os dados históricos, tais como autor, gênero literário, lugar, contexto histórico, finalidade etc.; ou seja, querer, com um texto nebuloso, 'esclarecer' um texto bíblico. Gaster mesmo confessa que a esse respeito ele se deixa guiar pela sua intuição. Aplicando esse método ao NT o desastre é maior ainda. Gaster como judeu fala dos anjos no NT afirmando que o NT não acrescenta nada à concepção tradicional dos anjos. Nisso se reconhece que ele não compreendeu a novidade de Jesus. Terra, na sua crítica, observa que Gaster conseguiu o prodígio incrível de escrever um tratado sobre os anjos no NT sem mencionar nenhuma vez Jesus ou Jesus Cristo. É evidente que Gaster não consegue ver a diferença entre a angelologia do NT e a angelologia rabínica, pois sem Jesus não dá para entender a função dos anjos e demônios no NT. A angelologia neotestamentária é essencialmente cristológica. O Catecismo lembra que desde a Anunciação até a Ascensão os anjos acompanham o Verbo encarnado (cf. n. 333). TERRA termina sua crítica com estas palavras:

Desvincular os anjos desse contexto cristológico e histórico-salvífico para compará-los episodicamente com fugazes paralelos folclóricos tão disparatados é realmente renunciar a fazer qualquer exegese bíblica para dar trelas à imaginação e intuições fantasistas e mirabolantes (1995b, p. 25).

Com todo este discurso interessante de Gaster, colhemos para nossa reflexão outro elemento importante concernente à existência dos anjos: eles devem ser vistos no contexto da história da salvação e de modo especial, em relação a Cristo.

2.2.3 Haag: 'Despedida do diabo'

Os anjos têm um importante papel na história da salvação. Isso não porque Deus 'precisa' deles, mas porque Deus, no seu desígnio, estabeleceu assim. A história da salvação testemunha, em cada página, a vontade de Deus de querer ter colaboradores. Por sua vez, Deus não quer colaboradores 'escravos', mas pessoas que livremente colaborem. Os anjos são dotados de liberdade. Com isso, é-lhes possível escolher não servir. Temos, com isso, o mundo dos anjos dividido em anjos bons e anjos maus. É certamente difícil explicar como um anjo pode recusar a submeter-se

a uma ordem divina. Santo Tomás várias vezes tentou explicar o pecado dos anjos. A última resposta ele encontra na sua obra *De malo*.

É realmente difícil explicar a queda dos anjos. Mas o NT testemunha a existência do diabo (cf. Lc 10,17-20; Jo 8,44). O padre dominicano suíço Herbert Haag escreveu em 1969 um opúsculo o com o título provocante, 'Despedida do diabo'. Nesta obra, o autor afirma não haver fundamento bíblico à crença no demônio, mas que a palavra diabo seja um sinônimo para o 'pecado'. À publicação do livro em italiano, o Papa Paulo VI reagiu na alocução do dia 15 de novembro de 1972, intitulada 'Livrai-nos do Mal', sem, no entanto, citar a obra de Haag (cf. TERRA, 1981, pp. 5 – 9). Nela, o papa lembra “o quadro da história dramática da humanidade, da qual emerge a da redenção, a de Cristo, da nossa salvação, com os seus magníficos tesouros da revelação, de profecia, de santidade, de vida elevada a nível sobrenatural, de promessas eternas” (*ibidem*, p. 5). Ele reafirma a existência real de Satanás, reprovando a tentativa de dissolvê-lo numa pura abstração.

As afirmações de Haag e o 'Caso Klingenberg' levaram a uma aprofundada reflexão teológica nos anos 70 e resultaram num documento oficial da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé com o Título 'Fé Cristã e Demonologia'. O documento reafirma a existência do demônio dizendo: “Continua certamente de pé o fato de a realidade demoníaca, atestada concretamente por aquilo que nós denominamos o mistério do Mal, permanecer, hoje ainda, um enigma que envolve a vida dos cristãos” (Tradução *apud* TERRA, 1981, p. 55). Enfim, é esclarecedor o comentário de Joseph Cardeal RATZINGER a toda esta controvérsia:

A razão para a 'despedida do demônio' não consiste numa afirmação da Bíblia no sentido contrário, mas na nossa imagem do mundo com a qual isto 'não é conciliável'. Em outras palavras, Haag se despede do demônio não como exegeta, como Intérprete da Sagrada Escritura, mas como contemporâneo que tem por inadmissível a existência de um demônio. Logo, a autoridade com a qual baixa a sua sentença não é a de um intérprete da Bíblia, mas a da sua concepção contemporânea do mundo (*apud* TERRA, 1981, p. 156).

A propósito do questionamento atual sobre a existência do demônio, Pe. João Augusto A. A. MacDowell, SJ, declarou em 1º de dezembro de 1975, no encontro interprovincial da Província Centro-Leste, em Correias RJ o seguinte:

Para mim, o problema por trás do questionamento atual da existência do demônio não é propriamente de natureza exegética. É que o homem contemporâneo torna-se incapaz de experimentar o mistério da existência, tudo aquilo que escapa à verificação experimental e à análise lógico-dedutiva. Portanto, o que está em questão em última análise não é a existência do demônio, mas do próprio Deus. Se aceitamos os critérios invocados para

recusar a existência do demônio, teremos coerentemente de chegar até a negação de Deus. Se as características da consciência atual são consideradas necessariamente, pelo próprio fato de sua posteridade, como superiores às do passado, numa visão progressista da história, teremos fatalmente de abandonar a fé cristã, porque a nossa civilização tende para o ateísmo. Se, neste mundo secularizado, não conseguirmos realizar a experiência autêntica do sagrado, então é preciso reconhecer humildemente a nossa incapacidade de aceitar o testemunho da fé, mesmo no vazio de qualquer apoio humano”(cf. *apud*: MACINTYRE, p. 44).

Isso que Pe. MacDowell declarou em relação à crença nos demônios se aplica evidentemente também ao caso dos Anjos.

2.2.4 Westermann: Os mensageiros de Deus

Um dos mais considerados exegetas do século XX é Claus WESTERMANN. Ele escreveu um livro com o título: 'O Anjo de Deus não precisa de asas' e o subtítulo 'O que a Bíblia diz sobre os anjos' (2000). Ele não acredita em anjos como seres espirituais, pois Deus não precisa dos anjos nas suas intervenções na criação, no seu contato com os homens. Daí ele conclui que o 'anjo' na Sagrada Escritura é simplesmente uma metáfora. Deus mesmo é o anjo, a mensagem ao revelar-se aos homens, pois os anjos não existem. Desta forma, Westermann descarta a tese de anjos como seres espirituais. No entanto, ele não nega a possibilidade da existência dos mensageiros de Deus como pessoas humanas. Segundo ele, os anjos são tão pouco acessíveis como o próprio Deus. O ser dos anjos, ou sua existência, não pode ser determinada. A bíblia nunca fala do 'ser' dos anjos ou da sua existência. Ela relata apenas a vida de um mensageiro. O que permanece é apenas sua mensagem (cf. 2000, p. 18).

Com tal argumentação, naturalmente aniquila-se da mesma forma os homens e a criação, uma vez que Deus também não precisa deles. A ele podemos responder com Agostinho no seu comentário ao livro do Gênesis *De Genesi ad Litteram libriduodecim*:

É certo que Deus não precisa de mensageiros para conhecer as coisas inferiores, como se por meio delas aumentasse a sua sabedoria, senão que n'Ele mesmo, de um modo seguro e admirável, conhece todas as coisas permanente e inmutavelmente. Ele tem, sem dúvida, mensageiros, por eles e por nós mesmos, porque assim, obedecendo a Deus e consultando-O sobre as coisas inferiores a eles, acatam Seus sublimes preceitos e mandatos, o que é um bem para eles na ordem da sua própria natureza e substância. Aos mensageiros foram chamados em grego ἄγγελοι (anjos) que com tal nome genérico se denomina a toda essa cidade celeste que julgamos ter sido criada no primeiro dia (*apud* PONS, 2003, p. 32s Tradução nossa).

2.3 A IMPORTÂNCIA DE ACREDITAR EM ANJOS

O próprio ato de fé na visão da Igreja é um ato humano. Citando Santo Tomás, o Catecismo explica: “Crer é um ato da inteligência que assente à verdade divina a mando da vontade movida por Deus através da graça” (n. 155). Temos aqui vários elementos: a inteligência e a vontade humanas e a graça de Deus, estas colaboram no ato da fé. Acredito que é fundamental ressaltar nessa reflexão sobre a importância de hoje acreditar na existência dos anjos, estes elementos. Pois, não raramente se corre o risco de reduzir a fé a um ato apenas da inteligência humana. Hoje, uma boa parte das pessoas acredita, enquanto para maioria, o conteúdo é inteligível e razoável ao seu entender. Muitos não entendem, pois limitam-se à luz da razão humana de uma maioria. E, por que acreditar? Segundo o Catecismo da Igreja, temos aqui uma diferença, pois o número 156 diz que o motivo porque nós acreditamos nas verdades reveladas 'não é o fato de as verdades reveladas aparecem como verdadeiras e inteligíveis à luz de nossa razão natural'. Ainda, é importante ressaltar as afirmações do Concílio Vaticano I na sua constituição dogmática *Dei Filius*: “Cremos “em virtude da autoridade do próprio Deus revelante, o qual não pode enganar-se nem enganar” (DH 3008). Como confirma a Carta aos Hebreus: “A fé é a certeza daquilo que ainda se espera, a demonstração de realidades que não se veem” (11,1). Estamos com isso num ponto crucial: a dificuldade em crer. Vivemos numa época de um relativismo gritante. O homem moderno tem muita dificuldade em acreditar. Não é fácil aceitar que existe uma verdade absoluta. Volta aqui a pergunta de Pilatos: “Que é a verdade?” (Jo 18,38). Não é o objetivo, nesta exposição, aprofundar esta questão. Seja apenas citada essa dificuldade em acreditar na existência de uma verdade e que essa verdade possa ser conhecida pelo homem. Pois quanto mais o homem pensa a partir de si, tanto mais difícil se torna para ele aceitar uma realidade objetiva. Curioso é, por outro lado, a propensão de acreditar em qualquer crença que se apresenta de forma racional.

A existência dos anjos é uma verdade de fé baseada na Sagrada Escritura e na Tradição. É claro que os gêneros literários e o contexto histórico das afirmações devem ser levados em consideração. É evidente também que a fé nos anjos é diferente da fé em Deus. Eles são criaturas como nós e nem são 'semideuses' como os encontramos nas mitologias. Foi por isso que na primeira parte ressaltar que no AT a angelologia se desenvolve tanto mais, quanto mais claro fica a transcendência de

Deus. Os anjos são seus mensageiros e são seus servos que cumprem suas ordens.

Eles são distintos de Deus, pois Deus envia seu anjo (cf. Ex 23,20). Eles são pessoas porque tem nome, como vemos nos arcanjos Rafael, Miguel e Gabriel. Eles são impressionantes e cheios da presença de Deus, mas não recebem adoração (Ap 22, 8s). Eles são poderosos (2Rs 19,35). Sua plena missão se revela em Cristo, pois eles são Seus (cf. Mt 25,31). Cristo é o centro do mundo angélico (Cat. n. 331).

Na verdade, não é possível falar dos anjos sem falar dos demônios, os anjos réprobos. Foi levantada e discutida a pergunta: O diabo existe? Ou é apenas o mal que existe em cada pessoa? A existência dos anjos maus é uma realidade que faz parte da vida do cristão. Não entendemos a história humana, nem a história de salvação sem ter presente esta realidade. E mais ainda: é importante para o cristão ser vigilante e forte (cf. 1 Pd 5,8). Jesus mesmo indica o remédio da oração e do jejum (cf. Mc 9,29 e Mt 17,21).

O homem contemporâneo tem dificuldade em admitir a existência de um ser, de uma pessoa que se condenou. Aliás, pode se dizer, de uma pessoa que é infeliz por toda a eternidade em consequência dos atos que fez. O demônio está, e isso numa condição eterna, longe de Deus e, portanto, infeliz por opção pessoal. E Deus respeita esta decisão livre. Vale a pena notar que o diabo não é um segundo princípio mal. A igreja sempre se pronunciou contra tal dualismo. O demônio é uma criatura de Deus, criado bom. Voltando à pergunta, agora modificada: porque é importante crer na existência do diabo? Resumidamente, podemos dizer que, deixando ele de lado, não se compreende a missão redentora de Jesus. Além do mais, a condenação eterna dele nos alerta do uso que fazemos da nossa liberdade. Pois também a nós é possível ficar longe de Deus por própria decisão, ou seja, por mau uso da nossa liberdade. Enfim, a sua existência nos alerta que o cristão deve “recorrer a algum exercício ascético especial, para afastar determinadas invasões diabólicas” (*apud* TERRA, 1981, p. 9) como o Papa Paulo VI na sua alocução alerta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte podíamos constatar uma crescente revelação dos anjos na Sagrada Escritura culminando com a revelação em Jesus Cristo. Os anjos são seus. Eles lhe servem e colaborem com ele na sua missão salvífica dos homens. O último livro o livro do Apocalipse está cheio da menção de anjos. Sem dúvida é tarefa dos exegetas de ajudar a entender e interpretar estas passagens. No entanto, com a ajuda do magistério da Igreja é possível dizer que a Sagrada Escritura nos fala de anjos que são seres puramente espirituais e que servem aos planos da salvação de Deus.

Hoje temos medo de acreditar em alguma coisa invisível. O homem contemporâneo acredita nas possibilidades da ciência, da tecnologia e do próprio espírito humano. Ele tem dificuldade em admitir algo acima dele. Os vastos conhecimentos que hoje a ciência da religião tem, mostram que a fé em seres intermediários entre a divindade e os homens não é uma originalidade da Bíblia. Pelos estudos realizados sabemos que essa crença se encontra em quase todas as religiões. Daí muitos querem concluir que esse parentesco pagão dos anjos cristãos é motivo para não acreditar na sua existência. O estudo de Gaster e a 'desmistificação' de Bultmann são exemplos disso. Com a boa intenção de purificar a Bíblia de crenças sincretistas, acaba-se perdendo uma verdade de fé sempre assegurada pela tradição da Igreja. Não é possível fazer teologia sem se referir à Tradição e ao Magistério. Estes dois últimos são bastante claros neste ponto.

Outra tentação conexa é querer fazer críveis as verdades reveladas ao homem moderno. Sem dúvida, o simpático dominicano Herbert Haage Claus Westermann, teólogo protestante e pároco, quisera atualizar a mensagem bíblica e cristã. Mas o parâmetro por eles utilizado foi o próprio homem moderno. Ainda mais claro: aquilo que este está disposto a acreditar. Com isso, o referencial não é mais Deus que se revela, mas o homem que escolhe e avalia conforme os critérios de sua inteligência humana. Esse modo de fazer teologia não é capaz de introduzir-nos à verdade plena conforme promete Jesus. Pois a mentalidade moderna não pode ser critério de revelação.

A tentação do homem moderno é construir sua cosmovisão e, ao mesmo tempo, não perceber que, na verdade, já se fechou diante do 'novo' que Deus quer

revelar. Porque é importante acreditar em anjos? Volta essa pergunta que deu início a toda essa reflexão. Uma resposta conveniente: Porque devemos ficar abertos às realidades que nos circundam e que, num primeiro momento, não temos acesso fácil com o conhecimento natural dos sentidos. É preciso ficar aberto à revelação de Deus.

A existência dos anjos nos é garantida pela revelação divina e não pelos resultados da ciência moderna. Consequentemente, constitui um mistério da fé que não contem nenhum absurdo e nem contradiz a razão. O próprio Senhor Jesus disse na sala da última ceia aos seus discípulos, pouco antes de partir deste mundo, que há ainda muitas coisas que eles não podem entender por agora, mas que mais tarde pela ação do Espírito Santo eles vão entender.

Quero concluir essa reflexão reafirmando a existência de anjos e demônios como uma verdade de fé que podemos conhecer com a ajuda da graça divina e que faz parte de uma compreensão mais completa da vida cristã. É importante de assegurar esta verdade 'colateral' da nossa fé para lembrarmos que existe uma realidade do outro lado da vida, da qual o próprio Deus faz parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA. 8ª Edição. Tradução da CNBB. São Paulo Brasília: Canção Nova e Editora CNBB, 2008.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edição revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.

BLASKO, Georg. *Die angelologischen Aussagen des Zweiten Vatikanischen Konzils*. Karlsruhe: BadeniaVerlag, 1967.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 9ª edição, São Paulo: Loyola, 2003.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. Tradução Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M.. 13ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 39-113.

DENZINGER, Heinrich. HÜNERMANN, Peter (Org). *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Tradução de José Marino e Johan Konings. São Paulo: Edições Loyola: Paulinas, 2007.

FRANCISCO, Missas matutinas em Santa Marta: Todos nós temos um anjo. *L'Osservatore Romano*, ed. port, Cidade do Vaticano, n. 41. 9 out. 2014, p. 8.

FRANGIOTTI, Roque. *Padres Apostólicos*. Tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística)

JOÃO PAULO II. Criador das Coisas Visíveis e Invisíveis. *L'Osservatore Romano*, ed. port., Cidade do Vaticano, 13 jul. 1986, p. 16. (1986a)

_____. A participação dos anjos na história da salvação. *L'Osservatore Romano*, ed. port., Cidade do Vaticano, 10 ag. 1986, p. 8. (1986b)

KIENINGER, Titus. *Entre Anjos e demônios: Testemunho e doutrina de São Paulo*. Anápolis: [s.n.], 2009.

KITTEL, Gerhard (Org.). *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart Berlin Köln: Verlag W. Kohlhammer, V. I. 1990.

LEXIKON FÜR THEOLOGIE UND KIRCHE. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, V. I. 1986.

LEXIKON FÜR THEOLOGIE UND KIRCHE. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, V. III. 1986.

MACINTYRE, Archibald Joseph. *Os Anjos, uma realidade admirável*. Rio de Janeiro: Revista Continente Editorial, 1983.

MARRANZINI, Alfredo. *Anjos e Demônios*. In: TERRA, João Evangelista Martins (Org.). *Revista de cultura bíblica*. São Paulo: Edições Loyola - LEB, 1981. V. V. nn. 17-18. pp. 102-122.

MICHL, Johann. *Die Engellehre des AT (samt außerkanonischem Schrifttum) und NT*. In: LEXIKON FÜR THEOLOGIE UND KIRCHE. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, 1986. V. III. 864-867.

PONS, Guillermo. *Los Ángeles en los Padres de la Iglesia*. Madrid: Ciudad Nueva, 2003.

RICONDO, Ignacio María Suárez. *Discusión teológica sobre los ángeles y los demonios en el siglo XX*. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontificia Universitas Sanctae Crucis, Roma, 2007.

SCHEFFCZYK, Leo. *Die Engel als dienende Geister in Schöpfung und Heilsgeschichte*. In: KATHOLISCHE DOGMATIK. Aachen: MM Verlag, 1997. V. III. p. 286-349.

SEEMANN, Michael. *Die Engel*. In: MYSTERIUM SALUTIS. Einsiedeln Zürich Köln: Benzinger Verlag, 1967. V. II. p. 954-993.

TERRA, João Evangelista Martins (Org.). *Anjos e demônios na Bíblia - Revista de cultura bíblica*. São Paulo: Edições Loyola - LEB, V. V. 1981. nn. 17-18.

_____. *Existem Anjos? - Revista de cultura bíblica*. São Paulo: Edições Loyola - LEB, V. XIX. 1995. nn. 73-74. (1995a)

_____. *Anjos na Bíblia - Revista de cultura bíblica*. São Paulo: Edições Loyola - LEB, V. XIX. 1995. nn. 75-76. (1995b)

_____. *A angelologia de Karl Rahner: à luz dos seus princípios hermenêuticos*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996.

WAGNER, William A.. *The Mission of the Holy Angels in the Economy of Salvation*. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontificia Studiorum Universitas a Sancto Thoma Aquinate in Urbe, Roma, 1984.

WESTERMANN, Claus. *O Anjo de Deus não precisa de asas: O que a Bíblia diz sobre os anjos*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Edições Loyola, 2000.